Artigos

n. 40, p. 01-25, set.-dez. 2025
ISSN-e: 2359-0092
DOI: 10.12957/revmar.2025.86188

"É trêmulo do corpo por moléstias que tem tido": reflexões sobre enfermidades e condições de saúde nos anúncios de fuga na Corte escravista (1830)

Layla Silva Ferreira*

Fundação Oswaldo Cruz
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Recebido em: 27 jul. 2024 **Aprovado em:** 01 jul. 2025 **Publicado em:** 21 nov. 2025

Resumo

Neste artigo, apresentaremos reflexões sobre as enfermidades que afligiam os corpos escravizados na Corte em 1830, período marcado pela chegada significativa de africanos ao maior porto escravista das Américas. Diversos estudos nacionais e internacionais têm explorado metodologias variadas para compreender as relações entre saúde e escravidão. Alinhado à História Social da Escravidão, este trabalho busca contribuir para essas reflexões ao examinar as condições de saúde dos cativos mencionados nos anúncios de fuga. Para tal, utilizaremos como fonte o *Diário do Rio de Janeiro*, periódico de destaque na Corte oitocentista. Analisando mais de 200 manchetes, utilizamos a figura do escravizado Fellipe, fugido em maio de 1830, como fio condutor, uma vez que seu anúncio revela nuances sobre as condições de vida e saúde dos cativos evidenciadas em seus corpos. Além disso, adotaremos a metodologia da fabulação crítica proposta por Saidiya Hartman, que nos permite ampliar as leituras históricas e criar narrativas sensíveis sobre experiências negligenciadas nos registros tradicionais.

Palavras-chave: Escravidão. História da Saúde e das Doenças. Rio de Janeiro.

Pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

* Doutoranda em História das Ciências e da Saúde na Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz. Mestra em História das Ciências e da Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz; graduada em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: layla_s7@hotmail.com
https://orcid.org/0009-0001-3511-4716 http://lattes.cnpq.br/3506535207272689

Articles

n. 40, p. 01-25, set.-dez. 2025
ISSN-e: 2359-0092
DOI: 10.12957/revmar.2025.86188

"He is trembling in his body due to diseases he has had": reflections on illnesses and health conditions in escape announcements in the slave Court (1830)

Layla Silva Ferreira*

Oswaldo Cruz Foundation
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil

Received: 27th July 2024 **Approved:** 01st July 2025 **Published:** 21st Nov. 2025

Abstract

In this article, we will present reflections on the illnesses that afflicted the bodies of enslaved people in the Court in 1830, a period marked by the significant arrival of Africans to the largest slave port in the Americas. Several national and international studies have explored different methodologies to understand the relationship between health and slavery. In line with the Social History of Slavery, this work seeks to contribute to these reflections by examining the health conditions of the captives mentioned in the escape announcements. To this end, we will use the *Diário do Rio de Janeiro*, a prominent periodical in the nineteenth-century court, as our source. Analyzing more than 200 headlines, we use the figure of the enslaved Fellipe, escaped in May 1830, as a guiding thread, since his announcement reveals nuances about the living and health conditions of the captives, evidenced in their bodies. Furthermore, we will adopt the critical fabulation methodology proposed by Saidiya Hartman, which allows us to expand historical readings and create sensitive narratives about experiences neglected in traditional records.

Keywords: Slavery. History of Health and Disease. Rio de Janeiro.

Research funded by the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES) and the Rio de Janeiro State Research Foundation (FAPERJ).

* PhD candidate in History of Sciences and Health at the Oswaldo Cruz Foundation, Oswaldo Cruz House. MA in History of Sciences and Health from the Oswaldo Cruz Foundation; BA in History from the Federal University of Rio de Janeiro. Email: layla_s7@hotmail.com
https://orcid.org/0009-0001-3511-4716 http://lattes.cnpq.br/3506535207272689

Introdução

O século XIX é marcado pelos debates nacionais no que diz respeito à escravidão e seu desmantelamento, atingindo todas as camadas da população. Se pensarmos na Corte oitocentista, a questão se torna ainda mais factível, visto que nenhuma outra cidade das Américas recebeu um quantitativo maior de escravizados. Homens, mulheres e crianças dos mais diversos portos da África chegavam no maior porto de desembarque do Atlântico. Corpos que tiveram sua "identidade mutilada" em uma cruel travessia (Cf. Fuentes, 2016).

Os jornais reproduziam as cenas costumeiras daquela cidade. Escravizadas oferecidas para "amas de leite", escravizados e escravizadas postos para aluguel, à venda e procurados pelas ruas da cidade. Nas últimas páginas do *Diário do Rio de Janeiro*, todos os dias, chama atenção do leitor as letras garrafais: "ESCRAVOS FUGIDOS". Nem sempre os parágrafos traziam consigo nomes. "*Fugio huma negirinha...*"; "*Fugio hum moleque...*". Identidades mutiladas. Quase sempre tais manchetes tinham como continuação a expressão "*com os seguintes signaes*", que antecedia uma série de características corpóreas sobre aquele escravizado fugido com o objetivo de localizá-lo. Rastros que se tem a pretensão de serem seguidos neste trabalho a fim de compreendermos o cenário em torno da saúde e doenças de escravizados na Corte.

A historiografia muito já debateu sobre métodos de historicizar rastros deixados por documentos, à primeira vista, opacos. Cabe citar o clássico trabalho de Robert Darnton (1986) que, a partir de episódios costumeiros, buscou compreender as dinâmicas sociais da França do século XVIII. A análise do cotidiano, a partir de meados do século XX, em contraponto com a ideia de rotina que seu significado pode associar, para parte da historiografia, passou a ser encarado como possibilidade de analisar rupturas. Maria Odila Dias (1998, p. 225) chama atenção para o fato de o conceito passar a sugerir "possibilidades de novos modos de ser". Nesse ínterim, a autora menciona o trabalho dos anos 1970 de Michel de Certeau, destacando que em sua obra, o francês chama atenção para o fato da importância de "esmiuçar as práticas de sobrevivência, que se configuravam como fonte de resistência, intercalando-se como táticas e subterfúgios possíveis para um cotidiano improvisado, sempre em processo de ser reinventado" (*Ibidem*, p. 228), palavras que convergem com o objeto analisado neste estudo: as fugas escravas.

Na história social da escravidão, Sidney Chalhoub (2011) chama atenção para o que ele intitula de cotidiano politizado. Conforme mencionado anteriormente, o século XIX é marcado por constantes debates no que diz respeito ao desmantelamento da escravidão, atingindo todas as camadas sociais da grande "cidade negra". Entende-se, assim, que "a história das lutas dos negros da Corte pela liberdade ao longo do século XXI é parte essencial da história da própria cidade do Rio no período" (*Ibidem*, p. 30). Logo, os jornais podem ser encarados como fontes históricas que relatam acontecimentos cotidianos e retratam as relações senhoriais escravistas. É impossível folhear as páginas do *Diário do Rio de Janeiro* sem deparar-nos com "cenas da escravidão". Elas se fazem presente nas últimas páginas do boletim. Lugares

reservados, em que se torna possível, através do método histórico, recuperar cenários, analisar narrativas e ressignificar rostos e trajetórias de corpos assolados pela cruel prática escravista.

Nesse sentido, objetivamos, a partir da revisão historiográfica sobre saúde e escravidão matizada com abordagem metodológica da história social, refletirmos sobre as condições de saúde e as enfermidades que acometiam a população escravizada na Corte do século XIX, tendo como foco específico o caso da fuga de Felippe no ano de 1830.

A tradução e a leitura das obras de E.P. Thompson tiveram impacto significativo nas reflexões alinhadas à história social da escravidão,[1] à medida que se buscou aproximar das noções thompsonianas no momento em que a historiografia da escravidão passou a se mover para uma história das relações senhor-escravo com o esforço de estar atenta a uma "autonomia escrava",[2] pautada na ideia de experiência. De acordo com Thompson, em *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros - uma crítica ao pensamento de Althusser* (1978), a experiência humana tem papel fundamental no desenvolvimento da formação social, sendo a partir dela que os homens se tornam sujeitos e experimentam situações e relações produtivas.

Dessa forma, o conceito de *experiência* contribui para as discussões em torno das práticas de fuga na medida em que nos possibilita historicizar a construção de relações de poder na sociedade escravista, a partir da perspectiva que compreende as fugas como prática de resistência cotidiana, uma vez que são encaradas como articulações contínuas.[3] Importante mencionar, para além, que tal articulação ocorreu de forma similar com a historiografia a respeito da escravidão nos EUA.[4]

Assim, o ato de fuga, por si só, pode ser encarado como busca por autonomia por parte de escravizados e escravizadas. Todavia, a historiografia brasileira dos últimos quarenta anos, atenta às inflexões aqui mencionadas, salienta que o ato de fugir podia ter significados diferentes para cada cativo, indo em consenso com a reflexão que Sidney Chalhoub (2011, p. 29) realiza ao atentar-nos que "o significado de liberdade foi forjado na experiência do cativeiro". Logo, podemos compreender que o significado de fuga era único para cada cativo, mesmo encarados como previsíveis e rotineiros para a classe senhorial. Assim, a ideia de autonomia não se dava única e exclusivamente pelo ato de fuga.

Partindo desse pressuposto, o historiador Flávio Gomes (1996, p. 6) nos atenta que

1 Sobre a influência da leitura das obras de E. P. Thompson para a história social da escravidão, ver Lara (1995).

2 Maria Helena P. T. Machado (1988) desenvolve importante debate historiográfico sobre as mudanças metodológicas na historiografia da Escravidão. Cabe mencionar que a referida autora também faz parte da "escola" que propiciou tais mudanças, assim como Chalhoub.

3 A historiadora Silvia H. Lara (1995) chama atenção para as possibilidades de adaptar os métodos de análise de Thompson às experiências negras no Brasil.

4 Silvia Lara, aqui referida, chama atenção para a obra que marcou as inflexões historiográficas brasileiras, *Roll, Jordan, roll: The world the slaves made* (2011), de Eugene D. Genovese.

"não podemos generalizar nem simplificar a respeito das lógicas dos fugitivos", ou seja, as motivações pelas fugas podiam ser diversas - desde escapar de castigos físicos e trabalho coercitivo, é claro, mas, também, podendo ser motivação a organização de comunidades e família dentro do próprio sistema escravista, ou passando pela discordância de venda, por exemplo.[5]

Logo, cabe o esforço da historiografia a busca de descortinar lacunas e silêncios presentes nas fontes a fim de buscar reconstruir parte das trajetórias desses sujeitos, entendendo que "o corpo tem história, mas dessemelhantes histórias" (Viana, 2015, p. 107). E, é a partir do corpo do escravizado Felippe, fugido em maio de 1830, que buscamos descortinar questões cada vez mais caras à historiografia brasileira: quais eram as condições de saúde desses escravizados urbanos no Rio de Janeiro oitocentista?

Os anúncios de fuga de jornal apresentam estrutura semelhante: nome (quando há) do escravizado fugido; estimativa de idade, procedência (nação de origem), e uma lista de características corpóreas. Alto ou baixo. Cara redonda. Nariz afilado ou chato. Cabeça raspada ou cabelos compridos. Além, também, da menção de doenças aparentes e marcas que moléstias deixaram nos corpos desses sujeitos. Verdadeiros retratos-falados. Contudo, os parágrafos tinham uma só preocupação: localizar aquela mão-de-obra perdida. Assim, aqueles sujeitos e múltiplas trajetórias eram resumidos em algumas linhas de descrições simplórias e, principalmente, homogeneizadoras.

Mas, então, como reconstruir parte de trajetórias desses sujeitos se os anúncios de fuga são embebidos de narrativas generalizantes e trazem consigo importantes lacunas? Saidiya Hartman (2020), importante escritora estadunidense, ao buscar recuperar trajetórias de mulheres escravizadas norte-americanas, chamou atenção para a dificuldade de cumprir com sua pretensão descrita, devido aos hiatos nos arquivos da escravidão a respeito da vida daquelas mulheres. Logo, frisou que "a perda de histórias aguça a fome por elas. Então é tentador preencher as lacunas e oferecer fechamento onde não há nenhum" (*Ibidem*, p. 25). Nesse sentido, Hartman problematiza a "violência dos arquivos" da Escravidão, onde, como vimos, em sua maioria, eram produzidos pela ótica senhorial - e os anúncios de fuga, enquanto fontes históricas, também partiam dessa lógica.[6] Assim, tais arquivos também traziam silêncios produzidos pela estrutura de poder.

Sobre tais silêncios, o historiador e antropólogo haitiano, Michel-Rolph Trouillot, em sua obra intitulada *Silenciando o passado: Poder e Produção da História* (2016), realiza reflexões sobre a forma como a produção da História se dá no que diz respeito tanto à construção das fontes como também na construção de narrativas, onde se propagam diversos mecanismos de silenciamentos sendo estes condicionados às estruturas de poder. Dessa maneira, Trouillot

5 Sobre as discordâncias de venda, ver Sidney Chalhoub (2011).

6 Hartman (2020) desafia-nos a suprir os limites dos arquivos, evitando a continuidade da violência sobre trajetórias de escravizados.

busca desvelar o processo de construção da história a partir de alguns episódios de silenciamento, ideia que Hartman, em certa medida, corrobora ao propor discussão sobre o que "violência dos arquivos". Mas, como superar tais silêncios? Como subverter a ordem daquelas fontes produzidas com um propósito bem definido, como os anúncios de fuga?

A utilização de escravizados fugidos como "personagens" norteadores desta reflexão surgiu, então, como uma possibilidade para "pintar o quadro mais completo possível das vidas de cativos e cativas" (Hartman, 2020, p. 28), evitando generalização e homogeneização de experiências, filiando-nos às novas agendas da História Social da Escravidão, em que, conforme observamos, apresentam latente preocupação em prescrutar especificidades e nuances a partir de aspectos de vida desses cativos.

Assim, nesta reflexão, traçamos Felippe como personagem exemplar, visto que sua procura lança luz sobre a importância das questões de saúde e condição de vida de escravizados e escravizadas que compunham o cenário da Corte oitocentista, reflexões cada vez mais evidentes nos trabalhos da História Social da Escravidão. Os estudos brasileiros em torno da saúde dos escravizados aumentaram significativamente após os anos 1990, provenientes de uma inflexão historiográfica que buscou compreender novas temáticas em torno da Escravidão. Dessa maneira, filiado às novas agendas da historiografia social da escravidão, objetivamos, conforme previamente mencionado, analisar as condições de saúde e doenças da população escravizada na Corte oitocentista, utilizando o caso específico da fuga de Felippe.

Saúde e Escravidão: nuances historiográficas

Ao longo dos últimos cinquenta anos, a historiografia da escravidão vem passando por diversas inflexões teóricas e motodológicas. A partir de fins dos anos 1970, diversos estudos modularam categorias e métodos que, ao fletar com outros campos das humanidades - como a sociologia e a antropologia - buscaram refletir as possibilidades de analisar a escravidão a partir da atenção dada à singularidades de variáveis, como por exemplo, o espaço e tempo que tal sistema estava inserido, dando um caráter plural à temática.

Mais do que isso, as "novas abordagens" buscaram conjecturar as possibilidades de se analisar este sistema coercitivo de trabalho a partir da lógicas e cosmovisões dos próprios escravizados. Assim, cativos - africanos ou não - entraram no radar das investigações históricas como "sujeitos de sua própria história" (Chalhoub, 2011, p. 315). Respeitando fatores como gênero e idade, por exemplo, análises objetivaram adentrar senzalas, refletir sobre formações de família, padrões de sociabilidade e perscrutar negociações e conflitos, analisando a agência destes cativos e atentando-nos para uma consciência escrava (Machado, 1987; 2022).

Diante de tais inflexões, ao longo dos anos 1990, estudos que analisavam, de maneira concomitante, a história das doenças e da saúde e a escravidão nas Américas despontaram. Trabalhos sobre epidemias, padrões de mortalidade e práticas de cura - com seus objetivos

próprios - eclodiram possibilitando-nos reconstruir cenários e experiências atlânticas. Contudo, Barbosa (2009, p. 2), uma das principais autoras do campo, chama atenção para o fato de que as pistas sobre as temáticas de saúde e doenças "podem nos levar a caminhos e descaminhos, tal é o desafio que recentemente a nova história social da escravidão tem encontrado".

Estes desafios estão intrinsecamente ligados à uma ideia cristalizada de que o tráfico atlântico de escravizados pode ter influenciado na propagação de doenças e eclosão de epidemias (Assis, 2002), "desqualificando as experiências africanas e escravas na diáspora como agentes de circulação de ideias, saberes, cosmologias e expectativas diante das doenças, mortes e práticas terapêuticas decorrentes" (Barbosa, 2009, p. 2). Entretanto, nos últimos anos, estudos passaram a compreender que as análises em torno das doenças e saúde de escravizados e escravizadas deveriam ser matizadas, compreendendo diversas variantes, como ambiente, trabalho coercitivo e trajetos migratórios do tráfico atlântico, por exemplo (Barbosa; Gomes, 2016, p. 286).

Considera-se o trabalho da historiadora Mary Karasch (2002) como um exímio percursor do campo da história da saúde e escravidão. A análise proposta pela norte-americana descortina os meandros da escravidão urbana na Corte. Principal cidade escravista das Américas, o Rio de Janeiro entrou no radar de Karasch a fim de investigar diversas nuances da vida dos escravizados. Ao dedicar longos capítulos sobre taxas de mortalidade, castigos físicos, saúde pública, condições de trabalho e as principais moléstias infecto-parasíticas que assolavam cativos nas encruzilhadas da Corte, Mary Karasch (2000, p. 207) atenta para uma:

> Correlação complexa entre descaso físico, maus tratos, dieta inadequada e doença. A falta de alimentação, roupas e moradia apropriadas, em combinação com os castigos, enfraquecem-nos e preparavam-nos para serem liquidados por vírus, bacilos, bactérias e parasitas que floresciam na população densa do Rio urbano (Grifos nossos).

A passagem de Karasch nos sugere algumas instigantes inquietações no que diz respeito às análises em torno da história das doenças e da saúde nas "escravidões" - atentando-nos que a experiência em diferentes espaços poderia ser dessemelhante. Ao analisar o Rio de Janeiro escravista, Karasch chama atenção - segundo Barbosa (2009, p. 7) - para a singularidade da região "devido às péssimas condições sanitárias e miséria da população - associada ainda a uma população flutuante de estrangeiros", facilitando a propagação de moléstias.

Para além, a historiadora norte-americana foge de premissas simplificadas. Em primeiro lugar, busca ressaltar que as taxas de mortalidade e a presença de enfermidades em africanos não estava apenas ligada ao tráfico atlântico - hipótese sugerida por alguns trabalhos aqui já mencionados -, mas, também aos desafios de se adaptar às novas condições de vida

numa cidade pestilenta. Assim, Karasch também escapa da armadilha de reduzir sua análise à uma reflexão que desconsidere nuances complexas, afirmando, de maneira homogeneizadora, que africanos e/ou escravizados nascidos no Brasil eram mais frágeis biologicamente e, por isso, mais acometidos por doenças à medida em que ressalta a "complexa correlação" de diferentes variáveis, como o trabalho coercitivo e má alimentação - mas sem ignorar os castigos físicos.[7]

Em "As doenças dos escravos: um campo de estudos para a História das Ciências e da Saúde", Figueiredo (2016) explicita que a análise das doenças de escravizados não deve ser encarada apenas como um reflexo das condições adversas por eles enfrentadas, mas também como um campo que nos propicia desvelar interações e circulação de saberes entre as cosmovisões africanas e as práticas médicas "oficiais", corroborando para uma exploração mais ampla do conceito e impacto de doenças nos corpos escravizados. A autora, ademais, argumenta a necessidade de não singularizar as motivações que poderiam acarretar moléstias aos cativos, visto que estas poderiam ser propiciadas por diferentes fatores, desde o trabalho coercitivo, péssimas condições sanitárias e, até mesmo, questões em torno das vestimentas utilizadas pelos escravizados.

Dessa maneira, percebemos que matizar reflexões sobre história da saúde e de doenças com a escravidão pode nos possibilitar olhares sobre a experiência excrava na complexa rede de trabalho coercitivo. Sem retirar de cena as expectativas de cativos e cativas naquela grande "cidade negra" que se transformava o Rio de Janeiro, sobretudo em meados do século XIX, é possível ampliarmos as lentes analíticas, evitando reflexões que simplificam questões de mortalidade e infecções, acreditando que estes indivíduos seriam, num caráter biológico, propensos a terem seus corpos acometidos por diferentes moléstias.

Um dos pioneiros do campo da história da medicina, Grmek utiliza o modelo da *patocenose* para explicitar que "somente um fator não explicaria a incidência de doenças em uma determinada população, mas, um conjunto de variáveis, em que fatores tanto biológicos como sociais são importantes" (Barbosa, 2009 *apud* Grmek, 1995). Assim, ao considerarmos analisar questões em torno da escravidão no Rio de Janeiro oitocentista, em consenso com as inflexões historiográficas - aqui rapidamente mencionadas - também cabe atentar-nos a escapar de lógicas simplistas, compreendendo o sistema escravista como uma complexa rede - dessemelhte em espaço e tempo diversos -, vigilante às variáveis que tal universo pode nos propiciar.

Gilberto Freyre (1979), com intenção em realizar um estudo etnográfico, verificou aspectos da etnicidade africana e mencionou doenças e condições físicas de escravizados que surgiam em anúncios de fuga no *Diário do Rio de Janeiro* e *Diário de Pernambuco*. A partir dos

7 Diana Maul de Carvalho (2007) confronta "consensos biológicos" que convencionaram a entender os escravizados africanos como portadores de diversas moléstias provenientes do tráfico atlântico.

anúncios de compra, venda, aluguel e, também, os de fuga, Freyre propôs um amplo quadro descritivo dos indícios da (falta de) saúde da vida escrava no Brasil, chamando atenção para a presença de diversas moléstias nas fontes consultadas, como bexiga, erisipela, sífilis, escorbuto e outras. Ademais, Freyre também chamou atenção para as costumeiras expressões que também davam indícios de problema de saúde e condições físicas, como, por exemplo a presença de escravizados "quebrados" e "corcundas", trazendo uma possibilidade de analisar questões de saúde e doenças que acometiam escravizados a partir dos anúncios em periódicos da urbe.

Em trabalhos mais recentes, a historiadora Márcia Amantino (2007), por meio da metodologia proposta por Mendonça de Souza (Florentino, 1997, p. 271 *apud Ibidem*, p. 1382), também desenvolveu um estudo que objetivava compreender as condições físicas e as principais moléstias que se faziam presentes nos anúncios de fuga. Ao avaliar aspectos patológicos e etiológicos, Amantino entendeu que tais manchetes objetivavam encontrar escravizados evadidos e, com isso, apresentavam, de forma enfática, marcas e sinais desqualificadores. A historiadora propôs, então, um estudo no qual "analisa as características físicas dos escravos, conforme descrição de seus senhores" (*Ibidem*, p. 1377).

O importante trabalho de Amantino (2007) descortina as possibilidades de, a partir dos anúncios de fuga, realizar um amplo quadro quantitativo e qualitativo sobre as principais doenças que acometiam os cativos na Corte, em momento de grande incidência na chegada de africanos no Rio de Janeiro: meados do século XIX. O estudo proposto pela historiadora deixa explícito que o uso dos jornais brasileiros - e em especial os anúncios de fuga presente nesses folhetins – se apresentam à historiografia como rica fonte de análise dos processos, rupturas e continuidades do cotidiano escravista e no que diz respeito às questões de doença e saúde dos sujeitos escravizados. Seu trabalho, segundo a autora salienta, já em seu resumo, analisa tais enfermidades "conforme descrição dos seus senhores", mesmo compreendendo que "muitos senhores deixavam de citar vários aspectos das condições físicas dos escravos" (*Ibidem*, p. 1382), reforçando que tais manchetes traziam consigo lacunas no que diz respeito às condições físicas e de saúde - que este presente trabalho buscará se atentar.

Os anúncios de fuga, ao buscar encontrar cativos evadidos pelas ruas, seguiam padrões de divulgação com nome (mas, nem sempre), estimativa de idade e altura, vestimentas e aspectos comportamentais e físicos - sendo este, objeto de nossa análise. As fugas de escravizados vêm sendo estudadas pela historiografia há muitos anos.

No entanto, a partir de tal virada teórico-metodológica aqui mencionada anteriormente, os trabalhos que buscam refletir sobre a evasão de cativos vem atentando-nos sobre a viabilidade de, por meio das lacunas das fontes de fuga, compreender, por meio de diferentes focos analíticos, diversas facetas do cotidiano escravista, como laços de sociabilidade, propagação de doenças, castigos corporais, impactos do trabalho coercitivo e aspectos físicos de escravizados, por exemplo. Estas dimensões entrarão no nosso radar no presente estudo à medida em que buscaremos, por meio de um único caso de fuga pela urbe carioca, compreender e refletir criticamente tais questões mencionadas acima que, nos

últimos anos, vem se tornando cada vez mais indispensáveis para os estudos da História da Escravidão. Nesse sentido, a partir da fuga do escravizado Felippe, em maio de 1830, buscaremos refletir sobre questões de saúde da população escravizada no Rio de Janeiro oitocentista.

Entre o anúncio e seus silêncios, a busca por corpos evadidos

Em maio de 1830, pelas bandas do Largo da Carioca, um preto advindo de Moçambique saíra para buscar água. De nome Felippe, o escravizado, mesmo sendo "um tanto boçal" - ou seja, novato -, era conhecido pelas ruas da cidade por já ter dois anos de terra. Tal conhecimento aparentemente o auxiliou a desaparecer. Quase vinte dias depois de seu sumiço, uma instigante narrativa foi divulgada nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro* em sua procura. Julgando que Felippe teria sido "seduzido por outro que mora no mesmo largo" (*Diário do Rio de Janeiro*, 24 maio 1830, grifos nossos), o anunciante, para além da divulgação do nome do cativo e sua estrutura, enfatizou que Felippe apresentava diversas cicatrizes: no pescoço, no peito e por quase todo o corpo. Além dessas marcas, o africano também tinha uma mancha branca no tornozelo e, ao pegar peso, apresentava tremedeiras por todo o corpo "por causa das *moléstias* que tem tido" (*Diário do Rio de Janeiro*, 24 maio 1830, grifos nossos).

A procura por Felippe lança luz sobre a importância das questões de saúde e condição de vida de escravizados e escravizadas que compunham o cenário da Corte oitocentista. Os estudos brasileiros em torno da saúde dos escravizados aumentaram significativamente após os anos 1990, provenientes de inflexão historiográfica, aqui previamente mencionada, que buscou, além de compreender novas temáticas em torno da Escravidão, revisitar temas amplamente debatidos, mas lançando luz sobre outros aspectos e possibilidades analíticas. É o caso das fugas de escravizados, objeto de nossa proposta.

Os debates políticos em torno do centenário da abolição da escravidão influenciaram diretamente mudanças em torno das óticas analíticas sobre as nuances da historiografia da Escravidão. Por muito tempo, os estudos que objetivavam debater as dinâmicas escravistas, debruçaram-se quase que exclusivamente no sistema por ele mesmo, obliterando a presença do principal agente de tal estrutura: os escravizados. Dessa maneira, tais análises interpretavam as fugas como mais uma forma de revolta. Aqui já referenciado, o clássico trabalho de Freyre (1979), apesar de seu pioneirismo em torno da utilização dos anúncios de fuga como fontes analíticas, esbarra na simplificação do ato da fuga escrava à medida em que corrobora com a duplicidade simplória do escravizado enquanto sujeito passivo ou rebelde, transformando as fugas como mais um modelo - dentre tantos - da busca por escapar do sistema escravista.

Também na década de 1970, a obra de Suely Queiroz, proveniente de sua tese de doutorado, chama atenção para a fuga enquanto ação consciente em contraponto à ideia de passividade. Todavia, Queiroz corrobora com a linha argumentativa de que a evasão de cativos

dava-se a partir da premissa que o escravizado fugia unicamente com a motivação de escapar da condição de cativo. Ou seja, para tal linha analítica, o ato de fugir era realizado quase que por impulso, numa visão romantizada, que colocava o sujeito escravizado numa posição de heroísmo ao fugir, ignorando as diversas nuances e possibilidades de análises que tal atividade pode propiciar.

Dentre tantos autores e trabalhos que compõem os pilares das mudanças analíticas da historiografia da Escravidão, para a presente reflexão, destacamos o cânone estudo de Maria T. Machado (1987; 2022). Proveniente de sua tese de doutorado, clássico *"Crime e Escravidão: trabalho, luta e resistência nas lavouras paulistas, 1830-1888"*, abre perspectivas para reflexão da importância de recuperação da dialética entre a relação de senhores e escravizados no complexo sistema escravista. A historiadora, ao debater os novos caminhos possíveis para refletir os meandros da escravidão, ainda na primeira parte de sua obra, reforça a necessidade de observar o "escravo como elo fundamental na reconstituição do complexo processo de dominação escravista" (Machado, 2022, p. 1) - e consequentemente do desmantelamento de tal sistema. Machado, ademais, enfatiza seu interesse de pensar no processo de gestação de uma consciência escrava, rompendo com a ideia matizada de que as fugas de escravizados eram atos simplórios, sem planejamento.

Ao mencionar que Felippe teria sido "*seduzido* por outro que mora no mesmo largo" (*Diário do Rio de Janeiro*, 24 maio 1830, grifos nossos), o anúncio abre-nos possibilidade de recuperar complexos cenários sociais daquela fuga, que poderiam ser encobertos em leitura à primeira vista dos anúncios de fuga. Os historiadores Carlos Eugênio Soares e Flávio Gomes (2001), em um dos seus trabalhos em conjunto, buscam melhor compreender a temática de culturas escravas e suas identidades. Os autores chamam atenção para as seduções nas dinâmicas de fuga, atentando-nos que o jargão policial se popularizou na Corte. Sedução, nada mais era, segundo os autores, "aquilo que podemos chamar de uma fuga agenciada, que é quando o cativo foge auxiliado por outro, escravo ou não, que lhe aponta caminho pré-estabelecido" (Soares; Gomes, 2001, p. 13). Dessa forma, nos alertam para as nuances analíticas que as fugas escravas podem nos propiciar. Se, anteriormente, a historiografia pautava a fuga como prática quase que instintiva, sem organização prévia e com simples objetivo de livrar-se do sistema escravista, agora, é possível compreender o ato de fugir como uma atitude mais complexa, dependente de múltiplas variáveis.

A informação de que tal cativo havia sido "seduzido" pode, em uma primeira leitura, passar despercebida. Isso porque, tal citação desponta como algo naturalizado pelo anunciante - trazendo, assim, mais uma faceta passível de análise. Com isso, o anúncio não traz maiores informações sobre quem poderia ter seduzido Fellipe. Sabemos apenas que o "sedutor" morava no mesmo largo que o cativo evadido. Assim, a menção nos suscita uma reflexão sobre construção de comunidades e laços de solidariedade, mesmo que tais laços sejam postos em segundo plano na manchete, trazendo consigo silêncios e vazios sobre os processos de fuga.

Num pequeno artigo, Hartman (2000) nos apresenta o que denomina de "fabulação

crítica", método que tem como objetivo "exceder ou negociar os limites do arquivo", ou seja, os silêncios e lacunas aqui já mencionados. Assim, a autora acredita que "uma leitura crítica do arquivo que mimetiza as dimensões figurativas da História, podia tanto contar uma história impossível quanto amplificar a impossibilidade de que seja contada" (*Ibidem*, p. 28).

Valendo-se do método de fabulação crítica de Hartman, a historiadora estadunidense Marisa Fuentes nos apresenta uma tentativa de reconstruir a trajetória de Jane, uma escravizada fugida nos EUA em fins do século XVIII a partir dos anúncios em sua procura. Num exercício similar que esta reflexão propõe, Fuentes busca subverter a ótica das fontes, redirecionando a ótica para a perspectiva daquela mulher escravizada, problematizando os espaços de controle. Para isso, reconstitui a trajetória de Jane a partir de seu corpo narrado nos anúncios, chamando atenção para as múltiplas violências inscritas sobre sua carne, que transformam aquele cativo em sujeito mercantilizado.

O esforço empregado por Fuentes se mostra instigante para a presente análise à medida em que a narrativa empregada no anúncio à procura de Fellipe chama atenção para diversas características corpóreas. Sua cor, estatura, cicatrizes e, até mesmo, o tamanho de sua cabeça são postos na manchete com o objetivo de localizar o cativo evadido, encarado como uma perda de mão de obra para seu senhor, reproduzindo, então, narrativa que corrobora com as análises que Hartman e Fuentes atenta-nos no que diz respeito à uma mercantilização do corpo escravizado, rascunhando, naquelas poucas linhas, características que aniquilam trajetórias.

Os corpos desses sujeitos, traziam consigo histórias singulares - com expectativas, estratégias e temores diversos, conforme as novas interpretações historiográficas sugerem. Apresentar uma análise sobre esse "corpo escravizado" para além do corpo objetificado pela Escravidão requer esforço de buscar superar tais limites que as fontes à procura de escravizados foragidos nos impõe.

Em *A microfísica do poder*, Michel Foucault (1979) analisa o nascimento da chamada medicina social. No referido capítulo, o autor francês, introduz sua análise argumentando sobre a socialização do corpo enquanto força de produção. Ademais, Foucault sinaliza que o controle da sociedade sobre os indivíduos não opera simplesmente pela consciência ou ideologia, mas começa pelo corpo, logo, entende-o enquanto realidade bio-política, e a medicina enquanto estratégia bio-política (*Ibidem*, p. 80). Assim, partindo deste pressuposto, o corpo escravizado, encarado como força de trabalho, mão de obra fundamental, por mais de três séculos, pode ser sublinhado enquanto tal "realidade bio-política".

Sabe-se, contudo, que o objeto do autor francês aqui mencionado esteja inserido em uma conjuntura diferente da escravidão brasileira, porém, as reflexões do filósofo podem servir de fundo analítico à medida que o mesmo descreve de que maneira o corpo foi investido politicamente e socialmente como força de trabalho, e não visto, de forma unívoca, como estrutura biológica.

Na historiografia da Escravidão, o debate sobre o corpo escravizado ainda se encontra, pode-se dizer, em fase inicial.[8] Nota-se que "ainda conhecemos pouco o corpo escravo. Menos aquele vitimado pelo tráfico, mas sim a reconstrução dele - através de várias narrativas - nas diversas sociedades escravistas".[9]

No que diz respeito às análises em torno do corpo escravizado, torna-se indispensável mencionar os trabalhos da historiadora Iamara Viana. Viana (2015; 2018) parte do pressuposto teórico percorrido nesta análise. A partir das discussões em torno do corpo com base nas obras de Michel Foucault (1979; 2001), a historiadora ressalta a necessidade de compreender o corpo escravizado quanto agente bio-político uma vez, inserido num contexto extremamente violento e repleto de entraves sócio-políticos. Em *Vigiar e Punir* (2014), ao refletir sobre a história das prisões, o Foucault chama atenção que o corpo por ele analisado era "esquartejado, amputado, marcado simbolicamente no rosto ou ombro, exposto vivo ou morto, dado como espetáculo" (Foucault, 2011, p. 13 *apud* Viana, 2015, p. 109). Assim, lembra-nos das mais diversas iconografias de portos de venda e compras destes corpos escravizados e em relatos de viajantes das mais diversas áreas europeias, que expõem suas visões sobre o corpo escravizado, sem despir-se de preconceitos da ótica colonial de dominação e controle.

O controle é aqui inserido como parte integrante da discussão aqui proposta. Viana (2015), chama atenção para a relação intrínseca entre o corpo como força de trabalho escravizado e realidade bio-política, de Foucault, buscando compreender o esforço socio-político de mantê-lo saudável (*Ibidem*, p. 113). A autora, ao mencionar o autor francês, atenta-nos para "como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição [...]; o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso" (Foucault, 2011, p. 29 *apud* Viana, 2015, p. 114).

A atenção aos anúncios de fuga permite-nos observar a composição das narrativas em torno de tais corpos, sugerindo, assim, linguagens de controle a partir do momento em que tais narrativas eram construídas a partir da visão senhorial e das lógicas de controle. Tais fontes evidenciam a complexidade da temática em questão diante do contexto escravista à medida que, a partir de curtos parágrafos, tem-se a pretensão de encontrar corpos fugitivos pela grande "cidade negra" (Cf. Gomes; Farias, 2006).

Historiador e sociólogo francês, George Vigarello (2003) apresenta problematização sobre a análise de corpos. Vigarello entende ser possível analisá-los através de três princípios, sendo estes: princípio de eficácia, princípio de propriedade e princípio de identidade. Aqui, chamamos atenção para o que o autor enumera como segundo princípio: de propriedade (*Ibidem*, p. 22). Mesmo não se referindo ao sistema escravista, Vigarello esbarra numa hipótese

8 Pode-se referenciar os trabalhos dos historiadores Iamara Viana (2015; 2018) e Silvio Lima (2011).

9 Walter Johnson, *Soul by soul. Life inside the antebellum slave market* (1999), *apud* Barbosa e Gomes (2016).

que nos permite analisar o que convencionamos chamar de corpo escravizado. Esse "corpo", possuidor de diferentes histórias, angústias e desejos, foi homogeneizado por um sistema que tinha como pretensão observá-lo como objeto e mão de obra.

Já se debateu, sobretudo em trabalhos antropológicos, sobre a história do corpo.[10] No entanto, quando nos deparamos com o corpo escravizado, conforme observamos, ainda pouco conhecemos. Isso porque o desafio é complexo. Complexo, pois as fontes por nós analisadas, refletem a lógica senhorial do princípio de propriedade, conforme enfatizado por Márcia Amantino (2007) no resumo de seu importante trabalho. Cabe, assim, um esforço de, a partir dos fragmentos que as fontes nos possibilitam, (re)construir uma história social desses corpos escravizados, para além do seu sentido objetificado, entendendo dinâmicas singulares, evitando homogeneização e não perdendo de vista que, conforme problematizamos anteriormente, os anúncios de fuga tinham por objetivo claro: localizar o cativo fugitivo, trazendo consigo narrativas reducionistas e homogeneizantes, em não mais que três ou quatro linhas.

O anúncio de Fellipe, como vimos, enquadra-se nessas condições generalizantes ao apresentar as características do seu corpo de forma reducionista e, até mesmo, caricaturada, ao mencionar, por exemplo, que o cativo apresentava uma estatura baixa e cabeça um pouco grande. Os padrões circunscritos para tais determinações podem e devem ser problematizados como delimitações impostas pelas óticas senhoriais.[11] Contudo, não são somente características físicas que podem revelar-se nos anúncios de fuga. As condições de saúde, por vezes, também aparecem em evidência em tais manchetes com o mesmo objetivo de auxiliar a procura de escravizados evadidos.

Ao apresentar aspectos anatômicos sobre as condições físicas do foragido, torna-se possível sabermos a localidade de marcas presentes em corpos cativos. Contudo, em grande maioria destas manchetes, a tarefa em buscarmos compreender as motivações daquelas cicatrizes torna-se árdua. É o caso do anúncio de Fellipe, personagem central da presente reflexão, em que o anunciante enfatiza que as marcas presentes em seu corpo eram provenientes de "moléstias quem tem tido", não detalhando quais seriam as enfermidades que acometiam a saúde daquele escravizado - visto que tal informação poderia não causar acréscimo considerável na busca do fugitivo. Nesses casos, Márcia Amantino (2007, p. 1382), atesta que "embora não seja possível conhecer o tipo de patologia que possuía o indivíduo, localiza-se a região do corpo em que ele apresentava problemas". Outrossim, a autora enfatiza o fato de que, devido à tipologia da fonte, os resultados apresentados são "esboços", visto

10 José Carlos Rodrigues (1999) debate as representações sociais do corpo e da morte tendo como demarcação espacial a Idade Média.

11 A partir da análise de Eneida Sela (2008), é possível problematizar tais padrões por meio das categorias "África carioca" e "lentes europeias" por ela concebida.

que, como mencionamos anteriormente, "muitos senhores deixavam de citar vários aspectos das condições físicas dos escravos" (*Ibidem*, p.1382).

Concordamos com Amantino no que diz respeito à limitação da fonte para que se ateste-se, com segurança, a patologia da enfermidade que deixou cicatrizes nos corpos de Felippe - e da grande maioria dos fugitivos anunciados. Porém, a partir desse "esboço" acreditamos ser possível perscrutar as condições de saúde de escravizados e escravizadas na Corte. "Escutar o não dito", como vimos, atentar às (muitas) lacunas presentes na fonte, excedendo e negociando os limites do arquivo (Hartman, 2020, p. 28). É possível, também, adentrar os meandros das linguagens e experiências de dominação e o imaginário da vida cotidiana na Corte oitocentista. Tal esforço foi previamente realizado no trabalho de Gomes e Viana (2019, p. 74), no qual, a partir de bases empíricas, buscaram testar "abordagens sobre as montagens de tópicas narrativas sobre o corpo africano na primeira metade do século XIX no Rio de Janeiro".

Muito mais que expor e analisar as principais doenças que eram mencionadas nos anúncios de fuga coletados e analisados, procuramos propor uma análise qualitativa de forma combinada, em que nos interessa as narrativas em torno da saúde e condições físicas desses escravizados presentes nas fontes a fim de buscar traduzir cenários e trajetórias diante do sistema escravista utilizando como personagem central o escravizado Felippe que, conforme observamos, apresentava, em seu corpo, sinais de "moléstias que têm tido". Combinado com a *experiência* na urbe oitocentista, o que tais marcas podem nos desvelar?

Saúde e Escravidão: nuances historiográficas

Conforme observamos ao longo desta análise, cada vez mais, a historiografia da escravidão vem se inclinando para uma maior atenção às trajetórias de escravizados e escravizadas para propôr análises sobre as facetas do sistema escravista. Dessa maneira, especificidades como gênero, idade e ofício, por exemplo, entraram nos radares historiográficos.[12] Outrossim, historiadores se dedicaram, também, a compreender as dissemelhanças do sistema escravista. Ora, a experiência escrava rural propiciava vivências diferentes da experiência escrava urbana. Se pensarmos na Corte escravista, ademais, as perspectivas se tornam ainda mais singulares.[13]

Nesse sentido, ao traçarmos uma reflexão sobre enfermidades e condições de saúde, torna-se necessário estarmos atentos a tais especificidades. Assim, tornamos Felippe um

12 Podemos destacar, dentre outros, o pioneiro trabalho de Mary Karasch, *A vida dos escravos no Rio de Janeiro, 1808-1850* (2000).

13 Destaca-se, aqui, o trabalho de Ynaê Lopes dos Santos (2013), que analisa o processo de transformação da cidade do Rio de Janeiro oitocentista.

personagem exemplar que nos permite adentrar os meandros da escravidão urbana na Corte em meados do século XIX - momento de crescimento do tráfico atlântico -, observando as sutilezas no que diz respeito às condições de vida destes cativos e cativas em seus corpos. Vejamos o anúncio em sua procura:

> No dia 6 do corrente, dezappareceu hum preto por nome Felippe, indo buscar agoa a Carioca, julga-se ter sido seduzido por outro que mora no mesmo largo, tem os signaes seguintes: he hum tanto boçal, tem 2 annos de terra, nação Moçambique macua, estatura baixa, cabeça hum tanto grande, meio fulla, tem huma cicatriz no pescoço, outra no peito, e quasi em todo o corpo, tem huma branca no joelho esquerdo, quando pega em pezo, he tremolo do coro por cauza da moléstias que tem tido, e está vestido siroula e camiza de algodão grosso, he meio arcado de pernas; quem delle der noticia, e o levar á rua Nova de S Bento, no estanque de tabaco n 19, será gratificado, ao mesmo tempo se protesta contra quem o tenha occulto. (*Diário do Rio de Janeiro*, 24 maio 1830).

A estratégia de utilizarmos Felippe como "personagem" norteador desta reflexão apresenta-se como uma possibilidade para "pintar o quadro mais completo possível das vidas de cativos e cativas" (Hartman, 2020, p. 28), evitando generalização e homogeneização de experiências, filiando-nos às novas agendas da História Social da Escravidão, em que, conforme observamos, apresentam latente preocupação em prescrutar singularidades por meio de aspectos de vida desses cativos.

Sabemos que Felippe, recém chegado à Corte, proveniente de Moçambique, enfrentou uma cruel travessia atlântica dois anos antes de fugir. Felippe apresentava em seu corpo diversas marcas. No peito, no pescoço e, também nos joelhos. Além disso, seu corpo apresentava sinais trêmulos. Os indícios no anúncio Felippe, então, nos permite refletir sobre os cenários de vida e de saúde que estava inserido. Questões como procedência africana, trabalho coercitivo e alimentação, por exemplo, entram no nosso radar para que, de forma combinada, possamos examinar um panorama mais completo possível, corroborando com uma agenda historiográfica em constante expansão: a História da Saúde e Escravidão.

Conforme observamos brevemente, por muitos anos, os estudos em torno do tráfico atlântico convencionaram a propor reflexões que relacionavam as doenças de que atingiam africanos e africanas escravizadas ao comércio escravista, numa lógica reducionista em que os cativos seriam atacados por moléstias e epidemias puro e simplesmente porque seriam mais "frágeis" (Carvalho, 2007). Contudo, Mary Karasch chamou atenção para o fato de a relação da alta mortalidade de africanos recém-chegados com as péssimas condições dos navios não ser algo dado e simplório.

A historiadora estadunidense atenta-nos para o fator da adaptação às condições de vida no sistema escravista, atestando que "entre 1834-1838 e 1850, um período de doze anos,

dependendo da data de chegada do navio, quase dois terços dos africanos da amostra morreram" e apenas "um terço dos novos africanos do Valongo podia esperar viver como escravo mais de dezesseis anos. (Karasch, 2000, p. 15 *apud* Barbosa; Gomes, 2016, p. 281), tornando-se, dessa forma, válido refletirmos e questionarmos a ideia cristalizada de que moléstias podiam ser trazidas do continente africano à medida que muitos dos cativos acometidos por doenças, segundo registros dos tumbeiros atlânticos, não sobreviviam.

Felippe, advindo da contracosta africana, enfrentou cruel travessia que, segundo estudos sobre tráfico, pode ter durado até oitenta dias (Florentino, 1995). Sem dúvidas, Felippe resistiu a diversas adversidades durante a viagem forçada. Contudo, sua aflição não terminara ao desembarcar no maior porto escravista das Américas. Talvez, o contrário disso. Segundo seu anúncio, Felippe era um escravizado "um tanto boçal" (sic), ou seja, considerado recém chegado à Corte. Com "dois anos de terra" (*Diário do Rio de Janeiro*, 24 maio 1830), o cativo foi submetido a trabalho coercitivo e exposto à condição de vida imprópria no que diz respeito à, por exemplo, alimentação. Nesse sentido, torna-se necessário, ao discorrermos sobre seus possíveis problemas de saúde, matizar diversas variáveis.

O trabalho de Barbosa e Gomes (2016), que compõe coletânea organizada por Gomes e Pimenta (2016), tem como uma das premissas apresentar novas análises no que diz respeito à história da Saúde e Escravidão. Os autores, ao discutirem perspectivas historiográficas relativas à doença, morte e escravidão africana, partem da análise de diversos trabalhos, tanto nacionais quanto internacionais, sobre tráfico atlântico e questões de saúde e levantam indagações para futuras análises trazendo à tona reflexões que condizem com a necessidade de atenção a diversos fatores da experiência cativa urbana:

> Quais os contextos da escravidão, trabalho, clima, procedência africana e crioulização demográfica? A ideia do tráfico atlântico como propagador de doenças e epidemias incidindo sobre padrões da mortalidade deve ser matizado, considerando outras variáveis das sociabilidades e das ideologias migratórias, assim como os seus desdobramentos. Não resta dúvida que o impacto microbiano pode ter provocado consequências conjunturais e demográficas, porém*, é fundamental dar relevo aos aspectos ambientais, às condições sanitárias, aos regimes de trabalho, às dietas alimentares, aos vestuários, entre outros, para explicar as dinâmicas de morbidade e mortalidade numa determinada área escravista* (Barbosa; Gomes, 2016, p. 3, grifos nossos).

O questionamento grifado na citação acima, de certa forma, sintetiza o esforço que busca ser realizado na presente reflexão. Ao nos depararmos com marcas, sinais, ou "cicatrizes", como as de Felippe, nos anúncios de fuga, torna-se viável examinar os possíveis impactos do sistema escravista no corpo e na saúde desses escravizados buscando desvencilhar-se da ideia simplória que relaciona índices de moléstia e morbidade à uma possível vulnerabilidade escrava inata.

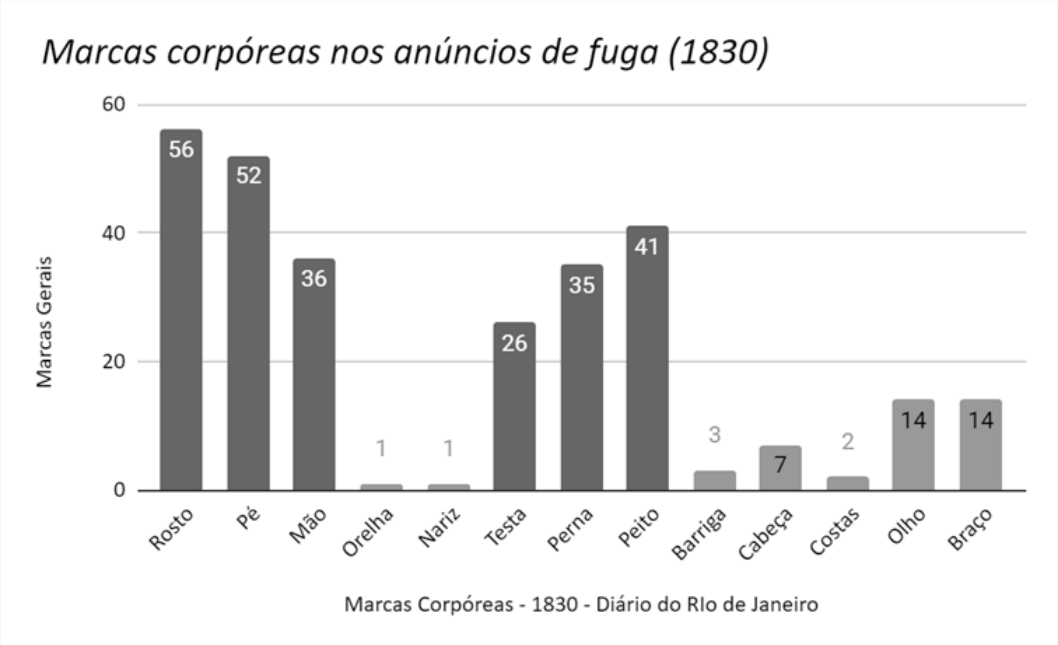
Os anúncios de fuga, conforme mencionado anteriormente, traziam consigo silêncios e vazios. Contudo, atribuídos a esforços teórico-metodológicos, torna-se possível avançarmos em reflexões, mesmo diante de "esboços" que tais manchetes costumam exibir. Para analisar doenças que acometiam os escravizados, enfrentamos dificuldades à medida em apresentam apenas aspectos anatômicos das condições físicas do foragido. Foi o caso do anúncio de Felippe, aqui mencionado, onde é possível saber somente as localizações das marcas presentes em seu corpo proveniente das "moléstias que tem tido", nos informando, logo, não a patologia que acometia Felippe, mas sim a respeito das marcas e sinais de alguma moléstia que aquele escravizado pudesse ter sofrido.

Mais do que fugir, manter-se fugido era uma tarefa árdua.[14] Deduz-se, logo, que um africano, ainda boçal, como Felippe, talvez tivesse enormes dificuldades de se manter escondido caso estivesse doente. Assim, possivelmente suas marcas eram de doenças passadas ou em processo curativo. Dessa maneira, Felippe trazia em seu corpo sinais que remetiam às condições de vida e saúde no cativeiro, auxiliando-nos a analisar meandros do sistema escravista corroborando com o esforço atual da historiografia da Escravidão inclinada a examinar a condição de vida desses sujeitos, colocados em trabalho coercitivo e suscetíveis a diferentes moléstias e problemas de saúde atenta a escapar das amardilhas de homogeneizar experiências.

As condições do sistema escravista e as duras jornadas de trabalho podiam propiciar um cenário de diversas moléstias e doenças que acometiam escravizados. Contudo, fato é que "sabemos pouco sobre essas ambiências de trabalho e menos ainda sobre a sua atmosfera de relações de trabalho, incluindo os acidentes, lesões e enfermidades geradas em gerações e gerações de cativos. (Viana; Gomes; Pimenta, 2020, p. 9). Apresentamos no Gráfico 1, de forma detalhada e quantitativa, a presença de diversas marcas corpóreas nos anúncios de fuga de 1830 do *Diário do Rio de Janeiro*. Ao todo, 288 ocorrências sobre deformidades diversas foram analisadas. Essas menções não nos possibilitam atestar uma moléstia específica, mas abrem possibilidades para refletir sobre sistema de trabalho escravo e condições físicas a partir da análise das regiões do corpo que apresentavam algum tipo de enfermidade.

14 Pode-se referenciar o trabalho de Gomes (1995), que despende esforços para analisar visões de fugas e quilombos no Rio de Janeiro.

Gráfico 1 – marcas corpóreas nos anúncios de fuga de (1830)



Fonte: *Diário do Rio de Janeiro,* Rio de Janeiro, 1830.

Segundo a divulgação em sua procura, Felippe apresentava cicatrizes em quase todo o corpo, sendo enfatizada as marcas presentes em seu pescoço e peito. Além disso, o escravizado também continha uma mancha branca em seu joelho esquerdo. Os locais indicados pelo anunciante vão de encontro com as localizações que mais apresentam incidências nas mais de duzentas ocorrências analisadas. Chamamos atenção para as marcas nos pés de escravizados e escravizados, representando 18% das ocorrências e as marcas no peitoral, correspondendo a 14%. Ademais, as marcas nas pernas de escravizados também apresentam percentual elevado, correspondendo a 12% do total analisado.

Afirmar que tais deformidades são provenientes única e exclusivamente do trabalho coercitivo simplifica uma lógica complexa de dominação e resistência, homogeneizando a análise aqui sugerida. Entretanto, ao mencionar que Felippe apresentava sinais trêmulos ao pegar peso, suscita que, mesmo que as marcas em seus membros não apresentem relação direta com o trabalho forçado, a informação de seu tremor e manchas atenta-nos para a possibilidade de que as atividades coercitivas podem ter impacto significativo no que diz respeito à enfermidades que assolavam os corpos cativos.

Diante dos cenários debatidos, voltamos a dialogar com o trabalho de Mary Karasch (2000). A autora chama atenção para o fato de que os problemas em membros também poderiam ter como causa carências nutricionais, ocasionando moléstias, como, por exemplo, o raquitismo (*Ibidem*, p. 250). Tal mazela poderia desenvolver problemas físicos nas pernas dos

escravizados anunciados, uma das principais incidências nos anúncios analisados que apresentavam marcas, conforme o gráfico acima. Uma característica desse problema físico, proveniente da falta de vitamina D, é o enfraquecimento estrutural de braços e, principalmente, pernas.

A falta de vitamina D nos suscita reflexão sobre a dieta de cativos e cativas. Compreender os hábitos alimentares de escravizados nos auxilia, em certa medida, adentrar senzalas e melhor perceber o dia-a-dia do sistema escravista, a fim de evitar generalizações e elevar tais cativos a protagonistas de sua própria história a partir de suas próprias lógicas e cosmovisões. Simplificar problemas de saúde como provenientes unicamente do cruel sistema de trabalho coercitivo seria como universalizar experiências, visto que, conforme mencionamos, o cotidiano urbano propicia vivências diferentes da experiência escrava rural. Atenta a isso, Karasch discute a alimentação dos cativos e realiza uma breve comparação no que diz respeito às dietas alimentares de cativos da zona rural e urbana, em que nos atesta que "uma reconstrução exata é quase impossível, porque uma boa parte da dieta dos escravos em um ambiente urbano estava fora do controle do dono" (Karasch, 2000, p. 198).

Nesse sentido, percebemos que a discussão em torno da alimentação também impacta os sinais e marcas que os africanos escravizados podiam carregar em seu corpo, tal qual o trabalho coercitivo escravista. Analisar de forma concomitante as possíveis causas do que os anúncios chamam de "marcas", "sinais" ou "cicatrizes" requer o esforço de buscar superar, mesmo que minimamente, os limites das fontes.[15]

Colocar o anúncio de Felippe em nosso radar, conforme observamos, abre-nos possibilidades diversas de melhor compreender cenários e circunstâncias do cotidiano escravista da Corte. Filiando-se às principais correntes historiográficas sobre a História da Saúde da Escravidão, percebemos que torna-se necessário matizar as variáveis que a leitura das fontes nos dispõe. E, a divulgação à procura de Felippe nos permite, em certa medida, esmiuçar as possibilidades analíticas dessas variáveis. Ao mencionar que o escravizado apresenta tremores "quando pega pezo" (sic) nos provoca, de forma concomitante aos hábitos alimentares, não perder de vista a dimensão das doenças que acometiam os africanos escravizados nos diferentes mundos do trabalho do sistema escravista visto que, se pensarmos na grande Corte escravista, se faz necessário problematizar o trabalho urbano no Rio de Janeiro.[16]

15 Diversos trabalhos da historiografia da Escravidão se apresentam como exemplos no esforço de ultrapassar tais "limites". Alguns aqui já referenciados, como Gomes (1995), Chalhoub (1989; 2011); Karasch (2000), dentre outros.

16 Ver, por exemplo, "Além de senzalas e fábricas: uma história social do trabalho", de Negro e Gomes (2006).

Diversos estudos se dedicam a refletir sobre o contexto da experiência escrava na Corte.[17] Muitos autores destacaram o trabalho citadino desempenhado pelos escravizados, enfatizando que, porventura, transformavam-se em jornadas duplas ou triplas, trazendo à tona a experiência dos escravos ao ganho (Dos Santos, 2013), logo, concordamos que "parte das enfermidades dos cativos africanos estava não só associada às epidemias e às dietas alimentares, mas também ao trabalho realizado (Viana; Gomes; Pimenta, 2020, p. 16).

Ao analisar o anúncio de Felippe, africano advindo de Moçambique e com dois meses como cativo no Rio de Janeiro, cabe-nos considerar que se torna "necessário conhecer os padrões das doenças dos africanos nos mundos do trabalho" (Viana; Gomes; Pimenta, 2020, p. 15). Em trabalho conjunto, Viana, Gomes e Pimenta enfatizam que imprescindibilidade de "considerar os contextos climáticos, ecológicos, agrícolas, geográficos, cultura material, ferramentas, alimentação e atividades de rotina, considerando assim impactos sobre os corpos e mentes dos africanos" à medida em que, para além do impacto do tráfico atlântico, ocorreu a adaptação física ao trabalho coercitivo nas experiências africanas na urbe.

Conclusão

Ao esquadrinhar, a partir do anúncio de Felippe, as variáveis que podiam sugerir possibilidades de reflexão sobre as condições de vida e saúde de cativos e cativas na Corte oitocentista, propusemos um debate buscando não homogeneizar experiências e nem tampouco simplificar a discussão, cada vez mais em voga, na historiografia nacional e internacional. As marcas, sinais e cicatrizes apresentaram-se como possibilidades de compreender os meandros da o sistema escravista, enfatizando as dessemelhantes história do corpo escravizado como objeto de análise central. O esforço concentrou-se, então, em não tornar a presente análise um estudo apenas sobre cicatrizes, evitando uma investigação simplória, que não se atentasse à complexidade da temática. Recorremos a uma investigação em torno das marcas e sinais impressos nos corpos daqueles africanos evadidos a partir da divulgação à procura de Felippe como exemplo com o intuito de, a partir das "cicatrizes" impressas nos anúncios propor um debate, relacionando as discussões da escravidão urbana com os avanços em torno dos estudos da saúde do escravizado, entendendo que torna-se imprescindível, ao refletirmos sobre questões de saúde, matizarmos a reflexão com os debates em torno da experiência de trabalho coercitivo na urbe carioca.

Assim, chamamos atenção para as doenças presentes nos anúncios de fuga, observando de quais maneiras tais mazelas poderiam estar associadas às condições de vida daqueles cativos, com o trabalho coercitivo e, também, com a trajetória desses "corpos

17 Destacamos o trabalho de Leila Algranti, *O feitor ausente: estudo sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro* (1998), que apresentou um rico estudo sobre escravidão urbana.

escravizados" que encararam cruel travessia que poderia ter até quase três meses de duração. Nesse sentido, observando tais "cicatrizes", propomos um esforço de que estas não representassem, de forma única, as vivências daqueles evadidos. Através de métodos analíticos, categorias teóricas da história social e uma aproximação das discussões - cada vez mais vigentes - sobre a saúde de escravizados, observamos as singularidades e complexidades da discussão em torno do "corpo escravizado", objeto que a historiografia da escravidão recentemente está se debruçando.

Referências

ALGRANTI, Leila Mezan. *O feitor ausente:* estudo sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

AMANTINO, Márcia. As condições físicas e de saúde dos escravos fugitivos anunciados no Jornal do Commercio (RJ) em 1850. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 14, p. 1377-1399, 2007.

ASSIS, Marcelo Ferreira de. *Tráfico atlântico, impacto microbiano e mortalidade escrava, Rio de Janeiro, c. 1790-c. 1830.* 2002. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

BROWN, Kathleen M. *Undoing Slavery:* Bodies, Race, and Rights in the Age of Abolition. Philadelphia: Penn Press, 2023.

CARVALHO, Diana Maul de. Doenças dos escravizados, doenças africanas? In: Porto, Ângela (Org.). *Doenças e escravidão:* sistema de saúde e práticas terapêuticas. Rio de Janeiro: COC/Fiocruz, 2007.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade:* uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DOS SANTOS, Ynaê Lopes. Tornar-se corte: Trabalho escravo e espaço urbano no Rio de Janeiro (1808-1815). *Revista de História Comparada*, v. 7, n. 1, 2013.

EUGÊNIO, Alisson. Historiografia sobre o campo de estudos especializado na saúde dos escravos negros. *Sankofa,* São Paulo, v. 9, n. 17, p. 39-73, 2016.

FARIAS, Juliana; GOMES, Flávio; SOARES, Carlos Eugênio; ARAÚJO, Carlos Eduardo. *Cidades negras:*

africanos, crioulos e espaços urbanos no Brasil escravista do século XIX. São Paulo: Alameda, 2006.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. As doenças dos escravos: um campo de estudo para a história das ciências da saúde. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de; MARQUES, Rita de Cássia (Org.). *Uma história brasileira das doenças*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

FLORENTINO, Manolo. *Em costas negras:* uma história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro, séculos XVIII e XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

FLORENTINO, Manolo.; RIBEIRO, Alexandre Vieira; DA SILVA, Daniel Domingues. Aspectos comparativos do tráfico de africanos para o Brasil (séculos XVIII e XIX). *Afro-Ásia*, n. 31, 2004.

FLORENTINO, Manolo; AMANTINO, Márcia. Fugas, quilombos e fujões nas Américas (séculos XVI-XIX). *Análise Social*, v. 203, n. XLVII, p. 236-267, 2012.

FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. São Paulo: Ed. Nac., 1979

FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. São Paulo: Leya, 2014.

FUENTES, Marisa J. *Dispossessed lives:* Enslaved women, violence, and the archive. Philadelphia: Penn Press, 2016

GEBARA, Ademir. Escravos: fugas e fugas. *Revista Brasileira de História*, v. 6, n. 12, p. 89-100, 1996.

GOMES, Flávio dos Santos. *História de quilombolas:* mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro-século XIX. Rio de Janeiro. Arquivo Nacional, 1995.

GOMES, Flávio dos Santos. Jogando a rede, revendo as malhas: fugas e fugitivos no Brasil escravista. *Revista Tempo*, Niterói (RJ), v. 1, n. 1, p. 67-93, 1996.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. *Revista Eco-Pós*, v. 23, n. 3, p. 12-33, 2020.

KARASCH, Mary. A *vida dos escravos no Rio de Janeiro, 1808-1850*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

KLEIN, Herbert S. *The middlepassage:* comparativestudies in the Atlantic slave trade. Princeton: Princeton University Press, 1978.

LARA, Silvia Hunold. Blowin in the Wind: EP Thompson e a experiência negra no Brasil. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História*, v. 12, p. 43-56, 1995.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. *Crime e escravidão:* trabalho, luta e resistência nas lavouras paulistas (1830-1888). São Paulo: EdUSP, 2022.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Em torno da autonomia escrava: uma nova direção para a história social da escravidão. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 143-160, 1998.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. *Escravos e cometas: movimentos sociais na década da Abolição.* 1991. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

NEGRO, Antonio Luigi; GOMES, Flávio. Além de senzalas e fábricas: uma história social do trabalho. *Tempo Social*, v. 18, 2006.

PIMENTA, Tânia Salgado; GOMES, Flávio dos Santos. "Espantosa mortandade": desembarques, demografias e enfermidades africanas. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, p. 3389-3398, 2022.

PIMENTA, Tânia Salgado; GOMES, Flávio; KODAMA, Kaori. Das enfermidades cativas: para uma história da saúde e das doenças do Brasil escravista. In: TEIXEIRA, L. A.; PIMENTA, T. S.; HOCHMAN, G. (Org.). *História da saúde no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2018.

RODRIGUES, José Carlos. *O corpo na história*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1999.

SECRETO, María Verónica. Novas perspectivas na história da escravidão. *Tempo*, Niterói (RJ), v. 22, p. 442-450, 2016.

SELA, Eneida Maria Mercadante. *Modos de ser em modos de ver.* 2008. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2008.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano; GOMES, Flávio. Em busca de um "risonho futuro": seduções, identidades e comunidades em fugas no Rio de Janeiro escravista (séc. XIX). *Locus: Revista de História*, Juiz de Fora (MG), v. 7, n. 2, 2001.

TROUILLOT, M. R. *Silenciando o passado:* poder e a produção da história. Curitiba: Huya, 2016.

VIANA, Iamara da Silva; GOMES, Flávio dos Santos; PIMENTA, Tânia Salgado. Doenças do trabalho: africanos, enfermidades e médicos nas plantations, sudeste escravista (aproximações). *Revista Mundos do Trabalho*, v. 20, 2020.

VIANA, Iamara da Silva; GOMES, Flávio. Do "mercado imperfeito": sobre corpos, africanos e médicos no Rio de Janeiro oitocentista. *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 71-96, 2019.

VIANA, Iamara. Corpos escravizados: que histórias contam? *Revista TransVersos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 5, p. 107-123, 2015.

VIANA, Iamara. Corpo escravizado e discurso médico: para além da anatomia (1830-1850). *Revista de História Comparada*, v. 12, n. 1, p. 172-202, 2018.

VIGARELLO, Georges. A história e os modelos do corpo. *Pró-posições*, v. 14, n. 2, p. 21-29, 2003.